



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – CURSO PEDAGOGIA À DISTÂNCIA –
ANO 2021

IRANI SILVA CARVALHO

MEMORIAL:
Da Alfabetização à Universidade: Considerações Sobre a Cartilha Caminho Suave e a
História das Cartilhas no Brasil

UBERLÂNDIA
2021

IRANI SILVA CARVALHO

MEMORIAL:
Da Alfabetização à Universidade: Considerações Sobre a Cartilha Caminho Suave e a História das Cartilhas no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia,

Orientador: Prof. Dr. Sauloéber Tarsio de Souza

Uberlândia
2021

IRANI SILVA CARVALHO

**MEMORIAL:
Da Alfabetização à Universidade: Considerações Sobre a Cartilha Caminho Suave e a
História das Cartilhas no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia.

Uberlândia, 01 de Dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sauloéber de Tarsio de Souza (orientador)
Universidade Federal de Uberlândia

Msc. Ariane Márcia Motoki Ilha
Universidade Federal de Uberlândia

Msc. Suzele Sany Lacerda Alves
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de concluir este trabalho, pois sei que veio Dele a sabedoria e força para prosseguir, mesmo diante das dificuldades encontradas.

À minha família, meus pais que me deram oportunidade de estudar, ao meu esposo Márcio, meu filho Lincoln, que sempre me incentivaram, ao meu filho Márcio Júnior (in Memoriam), que sempre me motivou a buscar meus objetivos, e se estivesse aqui conosco, estaria muito feliz por essa conquista.

À Universidade, aos professores e colegas pelo aprendizado e pela troca engrandecedora de experiências.

À minha tutora Maria do Socorro pelo compromisso dedicado ao curso de Pedagogia.

Ao meu orientador Professor Dr. Sauloéber Társio de Souza, pelo acompanhamento, atenção e aprendizado.

Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor,
Mas lutamos para que o melhor fosse feito.
Não somos o que deveríamos ser,
Não somos o que iremos ser,
Mas, graças a Deus, não somos o que éramos.

(Martin Luther King)

RESUMO

O presente trabalho em forma de memorial tem como objetivo possibilitar recuperação da minha trajetória escolar e profissional até o ingresso na Universidade Federal de Uberlândia. Fazer uma reflexão sobre as experiências vivenciadas ao longo da minha história de vida, identificando ações e significados que são traduzidos na prática profissional futura, as concepções pedagógicas, conteúdos, valores, marcas que implícita e explicitamente influenciaram e/ou influenciarão a prática docente. Identificar situações importantes para o processo de formação inicial, reflexões sobre a aprendizagem de crianças, sua relação com a história da alfabetização em nosso país. Refletir teoricamente sobre o papel da prática de ensino para a formação docente, compreender o modo como foram construídas as práticas alfabetizadoras, tendo em vista a questão metodológica na perspectiva da História da Infância – práticas das alfabetizadoras, cujo tema entrelaçasse entre criança, infância e as práticas de alfabetização, apontando as concepções históricas da criança e suas infâncias. Sendo assim, temos como finalidade, analisar as diferentes concepções metodológicas das práticas alfabetizadoras e a construção de tais práticas pelos professores na sala de aula. Dessa forma, fizemos uma análise histórica dos principais momentos das cartilhas alfabetizadoras no Brasil, em especial da cartilha Caminho Suave, de Branca Alves Lima. Buscamos entender quais foram as metodologias que fundamentaram tais cartilhas, quais eram as suas propostas e como se deu a utilização e distribuição dessas cartilhas no Brasil, através de uma pesquisa de cunho bibliográfico.

Palavras-chave: Memorial; Formação acadêmica; Vivência profissional; História da Infância – Práticas de Alfabetizadoras.

ABSTRACT

This work in the form of a memorial aims to enable recovery of my academic and professional trajectory until I entered the Federal University of Uberlândia. Reflect on the experiences lived throughout my life history, identifying actions and meanings that are translated into future professional practice, pedagogical concepts, contents, values, brands that implicitly and explicitly influenced and/or will influence teaching practice. Identify important situations for the initial training process, reflections on children's learning, their relationship with the history of literacy in our country. Reflect theoretically on the role of teaching practice for teacher training, understand how literacy practices were constructed, considering the methodological issue in the perspective of Childhood History - practices of literacy teachers, whose theme intertwined between children, childhood and the literacy practices, pointing out the historical conceptions of children and their childhoods. Thus, our purpose is to analyze the different methodological conceptions of literacy practices and the construction of such practices by teachers in the classroom. Thus, we made a historical analysis of the main moments of literacy booklets in Brazil, especially the book *Caminho Suave*, by Branca Alves Lima. We seek to understand what methodologies were used to support these booklets, what their proposals were and how these booklets were used and distributed in Brazil, through a bibliographic research.

Keywords: Memorial; Academic education; Professional experience; Childhood History – Literacy Practices.

LISTA DE FIGURAS

ORDEM	TÍTULO	PÁGINA
Figura 1	Igreja Matriz de Jequié-BA	12
Figura 2	Construção da Barragem da Pedra	13
Figura 3	Barragem da Pedra atualmente	13
Figura 4	Foto da família	15
Figura 5	Imagem adaptada do baralhinho Caminho Suave	16
Figura 6	Imagem da Palmatória	17
Figura 7	Colégio Estadual Profª Floripes Sodré	18
Figura 8	Foto da Formatura de Irani em Técnico Contábil	20
Figura 9	Exemplo de cartilha ABC	26
Figura 10	Exemplo do método Castilho	26
Figura 11	Página da Cartilha do povo	28
Figura 12	Associação letra imagem na cartilha Caminho Suave	30
Figura 13	Exercícios de traçado na cartilha Caminho Suave	31

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	09
2 – UM PERCURSO DE VIDA.....	11
2.1 – TRAJETÓRIA DE VIDA.....	11
2.1.1 – A FAMÍLIA.....	12
2.1.2 – A ESCOLA.....	16
2.1.3 – VIDA PROFISSIONAL.....	20
2.1.4 – O CURSO DE PEDAGOGIA.....	22
3 – HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE ALFABETIZADORAS.....	24
3.1. A historia das cartilhas no Brasil.....	24
3.2. A Cartilha Caminho Suave.....	29
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
5 – REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho sob forma de Memorial tem como objetivo abordar sobre a minha vida familiar, escolar, profissional e formativa por meio de um relato histórico e reflexivo, para a obtenção do título de pedagoga.

O memorial é um texto em que o autor relata a própria história de vida, evidenciando fatos que considera mais relevantes no decorrer de sua existência. O Memorial de formação é um dos modos de expressão de narrativas autobiográficas que se generaliza no Brasil, a partir dos anos 1990, seja como trabalho de conclusão de curso (TCC), seja como prática reflexiva no contexto institucional de formação de professores. (ABRAHÃO; PASSEGGI, 2012 *apud* SOUSA; CABRAL, 2015, p.5)

Nesse contexto, fazer essa retrospectiva acerca da minha infância, principalmente sobre a história da vida escolar até o ingresso na Universidade Federal de Uberlândia, as construções e desconstruções sobre alfabetização e práticas escolares, e o impacto causado no meu aprendizado e identidade até os dias atuais, possibilitará na compreensão da realidade. Nessa perspectiva, as narrativas ganham um papel fundamental no processo de reprodução das memórias, pois elas são mais disciplinadoras do discurso e porque muitas vezes a linguagem escrita liberta com maior força que a oral nas determinações e limites. Segundo Cunha (1997, p.3) :

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. Esta compreensão é fundamental para aqueles que se dedicam a análise de depoimentos, relatos e recuperações históricas, especialmente porque a estes se agregam as interpretações do próprio pesquisador, numa montagem que precisa ser dialógica para poder efetivamente acontecer.

Nesse sentido, ao reconstruir a minha trajetória por meio da rememoração, terei oportunidade de ressignificar, e reelaborar as vivências em todos os aspectos da minha vida. E se tratando da formação pedagógica, terei elementos contundentes que me configura como narradora ativa da própria história de vida e de formação. Assim, Sousa; Cabral (2015) explicam que as experiências vivenciadas pelos sujeitos desta investigação vão intercambiar-se com diferentes momentos da sua vida pessoal e de formação profissional. Faz-se referência

também a Sousa (2012, p. 46), quando revela que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”. Discutir narrativas no âmbito da formação é considerá-la também, dentre as diversas utilidades, uma investigação.

Dessa forma, buscando através do memorial entender as vivências e as experiências que constituirão nossa prática educativa, e como isso impacta na nossa perspectiva sobre os alunos e sobre o ensino, dentre tantos temas interessantes, escolhemos a História da Infância para dar ênfase nas práticas alfabetizadoras - Cartilhas.

As práticas alfabetizadoras constitui-se, na história Infantil e abrange um conjunto de ações articuladas, assumidas intencionalmente pelo(a) professor(a), com base em concepções de sociedade, de educação, de criança, de aprendizagem e desenvolvimento.

Fizemos uma análise histórica dos principais momentos das cartilhas alfabetizadoras no Brasil, em especial da cartilha Caminho Suave, de Branca Alves Lima. Buscamos entender quais foram as metodologias que fundamentaram tais cartilhas, quais eram as suas propostas e como se deu a utilização e distribuição dessas cartilhas no Brasil.

A alfabetização é um processo histórico que passou e ainda passa por inúmeras transformações ao longo dos anos, incorporando na sua teoria e prática o pensamento e as pesquisas desenvolvidas pelos estudiosos da área, modificando tanto a compreensão de aluno que aprende a ler e a escrever, bem como os métodos a serem utilizados.

Um dos grandes instrumentos do processo de alfabetização em todas as épocas são as cartilhas, pensadas como um método a ser seguido pelos professores para auxiliar no ensino e na compreensão paulatina dos alunos da aprendizagem da leitura e da escrita.

Neste sentido, este trabalho tem como finalidade analisar a história das características mais relevantes de algumas cartilhas utilizadas no Brasil, que se destacaram ao longo dos séculos, por se tratar de uns dos principais instrumentos para alfabetização no século XVI ao XX, tendo como foco o estudo da cartilha Caminho Suave, dando ênfase ao seu método de alfabetização e suas particularidades. E nessa perspectiva esclarecer algumas questões referentes a Caminho Suave: Por que a cartilha Caminho Suave foi uma das mais utilizadas, tratando-se de venda de livros para o ensino da leitura e da escrita no Brasil?

Assim, faremos uma análise das cartilhas usadas ao longo da história e quais eram os pensamentos que norteavam a sua metodologia, bem como seus pontos positivos e negativos na abordagem da alfabetização. Em seguida faremos uma análise específica da cartilha

Caminho Suave, buscando compreender as suas características e diferenças em relação as demais cartilhas, quais foram os preceitos que a fundamentaram e como foi e é a sua utilização nos sistemas de ensino brasileiro.

2 UM PERCURSO DE VIDA

2.1. Trajetória de vida

Falar sobre minha trajetória até aqui, é um desafio instigante, e ao mesmo tempo prazeroso, lembrar minhas experiências, meus sonhos e anseios, é como fazer um balanço de tudo que se realizou ao longo dos meus 47 anos, as experiências adquiridas, e o que ainda espero da vida de uma forma geral, os sonhos deixados para trás por causa dos desafios e percalços surgidos ao longo do caminho.

Nasci em 11 de setembro, de 1974, em Jequié, uma pequena cidade do interior da Bahia, conhecida também como Cidade Sol, uma cidade muito quente e carente de infraestrutura e educação de qualidade. Jequié é uma cidade localizada no estado da Bahia e está a aproximadamente 365 km da capital Salvador. Segundo o último censo realizado em 2019, o município tinha aproximadamente 155.966 habitantes (JEQUIÉ, 2021). A origem do nome da cidade deriva da deriva da língua “Tupi, Jequi: cesto afunilado, usado como armadilha para peixes, tendo como variações cacuri, jequiá, jiqui, jiquiá, juquiá, jequié” (JEQUIÉ, 2021).

O município cresceu devido ao movimento da feira que atraía pessoas e principalmente comerciantes das regiões no entorno, no final do século XIX (JEQUIÉ, 2021). Segundo a prefeitura de Jequié:

Pertencente ao município de Maracás de 1860 a 1897, Jequié abastecia as regiões Sudeste e Sudoeste da Bahia, assim como a bacia do Rio de Contas. Com sua crescente importância como centro de comércio, a cidade cresce então linearmente às margens do Rio de Contas que, na época, era mais volumoso e estreito, e cercado por uma extensa mata, é originado da sesmaria do capitão-mor João Gonçalves da Costa, que sediava a fazenda Borda da Mata. Esta mais tarde foi vendida a José de Sá Bittencourt, refugiado na Bahia após o fracasso da Inconfidência Mineira. Em 1789, com sua morte, a fazenda foi dividida entre os herdeiros em vários lotes. Um deles foi chamado Jequié e Barra de Jequié. (JEQUIÉ, 2021, n.p.)

Figura 01. Igreja Matriz de Jequié-BA



Fonte: Jequié... (2011)
Acesso em 19 ago 2021.

2.1.1. A família

Minha família é de origem humilde. Meu pai se chama Onias e minha mãe Maria. Nasceram num Distrito de Jequié chamado Santa Rita, na zona rural, e depois tiveram que se mudar para a cidade devido à construção da represa Barragem da Pedra na região. Foi construída por volta de 1963 e inaugurada em 1969, no leito do Rio das Contas em um local denominado de “Pedras”, para o fornecimento de água e energia e o controle das enchentes que afetavam a região. Segundo Silva e Soares (2010):

ela foi construída através da parceria entre o Governo Estadual e Federal, onde visava a melhoria nas condições de distribuição de energia tanto para Jequié, quanto para os outros municípios existente ao redor. Porém, não se deve deixar de ressaltar que a Barragem de Pedras para alguns moradores da zona rural, principalmente aqueles que moravam próximos ou no Vilarajo que hoje recebe o mesmo nome (Barragem de Pedras), significou perdas financeiras que nunca foram sanadas. Há relatos por parte de moradores antigos que muitos pequenos produtores rurais perderam tudo e simplesmente receberam uma indenização considerada irrisória para os tempos atuais. (SILVA; SOARES, 2010, p. 6)

Figura 02. Construção da Barragem da Pedra



Fonte: JEQUIÉ, 2021

Figura 03. Barragem da Pedra atualmente



Fonte: JEQUIÉ, 2021

Minha mãe era dona de casa e analfabeta, meu pai aprendeu a ler e escrever sozinho, fazia contas e escrevia até cartas, trabalhava como vendedor autônomo, não ganhava muito, mas conseguia suprir as nossas necessidades mais básicas.

Minha mãe teve 14 filhos, mas, vivos são apenas 09. Somos 07 mulheres e 02 homens¹. Eu sou a do meio entre as irmãs, estou entre as três mais velhas e as três mais novas. Eu sou a mais diferente delas, sou a única que tem o cabelo mais crespo, quando criança era motivo de piadas entre parentes, amigos da família e sofria bulling na escola por causa disso.

¹ A sequência dos irmãos do mais velho para o mais novo: Nilton (04 filhos), Marlene (03 filhos), Jorge (03 filhos), Maria Conceição (03 filhos), Vanilda (02 filhos), Irani (02 filhos), Luciete (02 filhos), Neilma (02 filhos), Ivanélia (03 filhos).

Até os 15 anos tinha muito complexo, baixa auto estima, me achava a mais feia da família. Graças a Deus, fui conseguindo superar com o passar do tempo. Hoje alguns familiares ainda “brincam” com isso, mas não me constrange mais, aprendi a valorizar o que realmente importa.

A maioria dos meus irmãos mais velhos estudaram só até a 4ª série do ensino fundamental, pois tiveram que parar os estudos para trabalhar, inicialmente eles ajudavam meu pai a lavar e curtir couro de carneiro, que depois era vendido, e minhas irmãs além de ajudar nas tarefas domésticas, trabalhavam como garçõete e vendedoras em Supermercados. Apenas eu e mais três irmãs concluímos o ensino médio.

A minha infância foi sempre rodeada de muitas pessoas, a minha casa nunca estava vazia, pois, minha família era grande, além dos vizinhos e parentes estarem sempre por perto. A casa era simples, tinha um terreno grande, mas era pequena, tinha quintal, apenas 02 quartos. Meus pais dormiam em um deles e eu e minhas irmãs dormíamos em outro, meus irmãos dormiam na sala. Nosso bairro era um pouco longe do centro da cidade, não tinha ruas calçadas, nem saneamento básico. Era comum ver os esgostos a céu aberto. Demorou muito para ter água encanada, por isso, minha mãe ia lavar roupas no rio, e levava todos os filhos menores com ela. Enquanto esperávamos ela terminar com as roupas, brincávamos na água o tempo todo. Aprendemos a nadar sozinhas. Quase nos afogávamos às vezes, mas aprendemos. Em alguns momentos pescávamos camarões com armadilhas feitas com lata de óleo de cozinha. O rio tinha areia branquinha, água limpa, transparente, dava pra ver os peixinhos. Tinha bastante vegetação em volta. Muitas árvores nativas, como Juá, Umbuzeiros, etc.

A água potável para beber e cozinhar vinha através dos carros Pipas, que enchiam as caixas d'água de vez em quando. Na maioria das vezes buscávamos água em latas e baldes nas casas das vizinhas que tinham água encanada, ou nos carros Pipas enquanto abasteciam alguma casa.

Sou a soma de cada pessoa que passou pela minha vida. Cada marca deixada foi um aprendizado que trouxe comigo na bagagem. As brincadeiras, as histórias, sei que meus amigos carregam consigo também histórias que dividimos na infância.

Naquela época, não tinha acesso a tantas informações como as crianças de hoje. Além de acompanhar minha mãe quando ia lavar roupas na beira do rio de Contas, e brincar com as crianças da rua, que eram muitas. Brincávamos de “Baleado”, Picula, Esconde-esconde, Vivo-morto, Cozido, Anelzinho, etc. Tudo era brincadeira, era um tempo de inocência, de alegria, não tínhamos televisão, apenas um rádio grande que meu pai ouvia as notícias, os jogos de

futebol, e ouvia músicas. Lembro-me de muitas vezes assistir alguns programas de tv através da janela da vizinha.

Vivia em um lar humilde, mas nunca nos faltou alimento. Não tínhamos roupas novas, (apenas no fim do ano), nem casa e móveis bonitos, mas éramos amados e felizes. Apesar da escassez, eu não pensava sobre isso, não sentia falta de muitas coisas, não entendia a diferença entre pobreza e riqueza, eu era feliz, mesmo convivendo com pouco. Não tenho muitas fotos da infância, porque minha irmã sem querer, colocou fogo no guarda-roupa com uma vela, por falta de energia elétrica no bairro.

Figura 04. Foto da família.²



Fonte: Arquivo pessoal (Irani 2021).

2.1.2 A escola

A minha experiência com a escola foi somente aos 06 anos de idade, numa escola particular, informal, simples de uma senhora chamada D. Luzia, uma conhecida da minha mãe. Era uma senhora branca, de cabelos grisalhos, usava óculos de grau. A escola não





² Foto da família, na ordem da esquerda para direita: Meu irmão mais velho Nilton, meu pai, minha mãe com minha irmã Luciete no colo, minha irmã mais velha Marlene, meu irmão Jorge, minha prima Iraci, minha irmã Maria Conceição, minha irmã Vanilda e eu (a menor).

ficava distante da minha casa, mas eu era sempre acompanhada por um adulto para ir e para voltar. Essa escola era um cômodo improvisado ao lado da casa da professora, e a maioria das crianças da redondeza passavam por ela antes de ingressar no 1º ano do ensino fundamental. Nessa época não existia pré-escola na rede pública. A educação em creches e pré-escolas só foi reconhecida como um dever do Estado e direito da criança, com a Constituição de 1988.

Sobre dona Luzia, ela não possuía formação superior para dar aulas, as condições da escolinha eram precárias tanto no aspecto material, como pedagógico. O principal meio de alfabetização era a cartilha Caminho Suave. A metodologia dessa cartilha era através de associação de imagens e letras com o objetivo de facilitar o aprendizado. Ex.: A letra A é escrita no corpo de uma abelha, a B na barriga de um bebê, a V compõe os chifres de uma vaca, etc.

Figura 05. Imagem adaptada do baralhinho Caminho Suave

Quadro 3 - Explicação das figuras utilizadas pela *Caminho Suave*.

IMAGEM	LETRA/SÍLABA	PALAVRA	EXPLICAÇÃO
	a	abelha	A curva de cima do a forma a cabeça e o peito (tórax) da abelha; a bolinha de baixo é a barriga.
	e	elefante	O elefante é de circo. Aprendeu a formar com a tromba a letra que começa o seu nome: e
	i	igreja	O i é parecido com a janelinha estreita da torre da igreja. O pingo está bem no centro da cruz.
	o	ovo	O o tem a forma de um ovo.

Fonte: PERES; RAMIL, 2015, p. 65

Além da cartilha, também eram usados métodos punitivos, para nos ameaçar caso não conseguíssemos aprender, ou se fizéssemos algo que ela julgasse errado durante a aula, como o uso de palmatórias, ficar de castigo de joelhos olhando para a parede e ficar sem recreio.

A palmatória usada por ela, era um artefato de madeira formado por um círculo e uma haste. Esse objeto foi muito utilizado no passado nas escolas pelos professores a fim de castigar alunos indisciplinados, golpeando-a na palma da mão do aluno castigado.

Minhas irmãs me contaram que era natural apanhar com palmatórias na época que estudaram lá. Eu tive a infelicidade de apanhar uma única vez, por causa de uma resposta errada no meu primeiro dia de aula.

Figura 06: Imagem da Palmatória



Fonte: Mão... (2021)

Quando comecei estudar na escolinha de Dona Luzia, no ano de 1980, era uma criança muito ingênua, não sabia de nada sobre o mundo escolar, no meu primeiro dia de aula, um colega me pregou uma peça, dizendo que quando a professora chamasse o meu nome, eu deveria responder “ausente”, assim eu fiz. Imediatamente fui punida com uma palmatorada, e as crianças começaram a rirem de mim, não entendi o motivo da punição, só depois, alguns coleguinhos me explicaram a forma correta de responder no momento da chamada.

Morria de medo de ser punida, por isso, na hora da lição, quando ela nos perguntava as letras na cartilha, associava as imagens às letras, mas não sabia o que estava lendo, não sabia ler, não sabia direito o que estava fazendo, mas fazia. Não tinha ajuda dos meus pais, nem dos meus irmãos mais velhos com as tarefas. Sempre me virei sozinha. Talvez isso, tenha dificultado meu aprendizado, e as referências educacionais que tive no decorrer da infância ao final do ensino médio, eram apenas algumas professoras como a professora Leida do ensino Fundamental, a professora Luíza de português, professora Vânia de matemática e professora Elvira de Educação Física.

Quando completei 07 anos, fui matriculada no Grupo Escolar Prof^a Floripes Sodré, atualmente Colégio Estadual Prof^a Floripes Sodré. Estudei lá a 1^a até a 4^a série. Lembro-me da professora Leida, bem diferente da professora Luzia, mais jovem, bonita e muito educada. Às vezes sentia até vergonha de conversar com ela, me sentia muito insegura, um bichinho acuado, sem saber o que fazer. Fico imaginando, como eu consegui superar minhas dificuldades tão criança, tão sozinha. O ambiente escolar tão desconhecido. Não foi fácil, não conseguia acompanhar o ritmo das outras crianças, finalmente quando aprendi a ler, tinha dificuldade de copiar as tarefas do quadro, ela apagava para escrever mais, antes de eu terminar, e eu tinha vergonha de gritar na frente dos colegas “Eu não terminei ainda!” Por esse motivo, meu caderno era muito desorganizado, eu ficava tão tensa que suava as mãos, quando ia apagar as tarefas, ficava tudo borrado. A professora chamava minha mãe várias vezes para reclamar sobre isso, mas minha mãe apenas reclamava de mim, não sabia o que fazer para me ajudar.

Figura 07. Colégio Estadual Prof^a Floripes Sodré



Fonte: Facebook da escola

Da 5^a série do ensino fundamental até o 3^o ano do segundo grau, estudei no IERP (Intituto de Educação Régis Pachêco), uma escola estadual, situada no centro da cidade, grande, cheia de pavilhões. Fiquei muito orgulhosa em estudar lá. Participava dos desfiles de 07 de setembro e do aniversário da cidade como porta bandeira, praticava atletismo, corrida, arremesso de peso, salto em distância. Eu fui bem atuante nas atividades da escola.

No decorrer do ensino fundamental, repeti a 3^a série, tinha dificuldade em matemática, tabuada divisão, operações básicas, geometria, expressões numéricas, etc. Acabei sendo reprovada na 7^a série, até então não havia conseguido aprender a disciplina de fato.

Reconheço que o meu ensino básico e fundamental não me prepararam da maneira adequada, nem tive suporte necessário, por isso, sofri a consequência da reprovação. Após a reprovação busquei recursos que pudessem me ajudar melhor, como a compra do livro de matemática, pois até então meu pai não havia comprado por causa das condições financeiras, e ajuda dos colegas que sabiam mais. Descobrir que eu era capaz de entender matemática, foi libertador, era muito gratificante, não tinha mais medo, eu sabia fazer. A partir daí passei a gostar da disciplina que antes dizia odiar.

Da 5ª a 8ª séries estudei com a mesma professora de português que era maravilhosa, ela me ajudou a gostar da disciplina, sempre tirava as melhores notas. Também tinha muito interesse por ciências, biologia, e até sonhava que um dia poderia ser médica. Mas minha realidade não me deu oportunidades de sonhar tão alto. Acabei casando e tendo filho muito cedo. Mas mesmo assim, com muita dificuldade, terminei o ensino médio. Optei em fazer o antigo curso técnico contábil, o qual concluí em 1995. Naquela época, tínhamos apenas 03 opções de cursos, que eram Científico, Magistério e Contabilidade. Quando criança pensava em ser professora, mas aos poucos fui me desiludindo, por ver as dificuldades enfrentadas pelos professores. A escolha pelo curso de ciências contábeis, partiu da ideia de que teria mais oportunidades no mercado de trabalho, principalmente quando fiquei sabendo que poderíamos fazer estágio remunerado na Secretaria da Fazenda. Cheguei a estagiar durante 02 anos, no período da tarde, e estudava à noite. Foi uma experiência muito enriquecedora, depois disso, senti muita vontade de prestar um concurso público.

A minha formatura foi um momento muito importante, mas devido às condições financeiras, meu vestido foi mais simples que os das outras colegas, não tive anel, usei um emprestado da minha irmã que não cabia direito no meu dedo, só para participar da solenidade. Mas hoje eu entendo, que realmente o que importou foi ter conseguido superar as dificuldades que tive na época, em ter que deixar meus filhos pequenos às vezes com a vizinha, às vezes com minhas irmãs, até meu marido chegar do trabalho para ficar com eles. Logo que comecei o ensino médio tive meu segundo filho, e mesmo amamentando, procurava estar presente nas aulas. Não irei participar da formatura do curso de Pedagogia, mas estou feliz por ter chegado até aqui.

Figura 08. Foto da Formatura de Irani em Técnico Contábil (1995)³



Fonte: Arquivo pessoal (Irani, 2021)

2.1.3. Vida profissional

Assim que concluí o ensino médio, passei a trabalhar numa papelaria, depois em um laboratório de análises clínicas, foi minha paixão. Passei a sonhar mais uma vez em estudar na área da saúde. Meu patrão, dr Fernando, me ensinou a fazer alguns procedimentos de exames laboratoriais, como Hematócrito, VHS, e ajudava na recepção. Era um ambiente bem diferente do que estava acostumada na livraria. Não sei explicar o motivo, mas parecia que eu nasci para trabalhar nessa área, eu sentia muito prazer em estar lá. Mas o laboratório era novo na cidade e ainda não tinha muitos clientes, o que os obrigou a me dispensar. Fiquei muito chateada, porque o meu marido também estava passando por muitas dificuldades financeiras.

Ele trabalhava como vendendor externo no ramo de atacado, as vendas estavam muito fracas. Estávamos sem perspectivas de melhorias, com dois filhos pequenos, foi quando minhas irmãs que já moravam em Uberlândia há muitos anos, nos convidou para conhecer a

³ Foto da formatura de Irani, da esquerda para direita, Professor Carlos Melhem, na época diretor do IERP, Luiz Amaral ex-prefeito da Cidade de Jequié e Irani

cidade. Foi uma escolha muito difícil, a maioria da minha família estava lá na Bahia, a família do meu marido foi totalmente contra a ideia, mas acabamos decidindo por vir.

Chegamos em Uberlândia no ano de 1997, inicialmente ficamos na casa da minha irmã mais velha até começarmos a trabalhar. Amamos a cidade, mas passamos por muitas dificuldades aqui, a adaptação não foi fácil, deixar nossas origens, nossa cultura, vivermos de favores na casa de parentes. Comecei a trabalhar em um restaurante, no Center Shopping como operadora de caixa, fiquei lá durante 02 anos, não gostava de trabalhar lá, porque tinha que trabalhar durante os finais de semana, e como trabalhava no caixa sempre era a última a ir embora, quando chegava em casa os meninos já estavam dormindo. Nessa época meu marido estava trabalhando em uma empresa melhor, então pedi para sair e fui fazer cursinho pré vestibular no antigo Colégio Leonardo Da Vinci, meu sonho era fazer uma faculdade, e eu queria muito estudar na UFU.

No ano de 2000 consegui entrar nas lojas MIG, como assistente administrativo, eu trabalhava no caixa e no crediário. Inicialmente fui contratada para trabalhar na loja do Shopping, depois fui transferida para trabalhar na loja do Centro, Tubal Vilela. Nesse período trabalhava muito, e quase não tinha tempo de estudar mais para prestar vestibular, e aos poucos, o sonho de fazer uma graduação foi sendo adiado. Em novembro de 2005 eu pedi para sair, porque o meu filho mais velho foi diagnosticado com epilepsia, precisava de mim por perto. Adquiri muita experiência em ambos os trabalhos, acertei, errei, aprendi muito. No entanto, nenhum deles era a área que eu desejava atuar. Aqueles empregos eram necessários para meu sustento, mas não era a minha realização profissional.

O descontentamento nos leva a sair da zona de conforto, sempre busquei melhorar, comprava apostilas de concursos, e nas horas vagas estudava. Em 2006, prestei o concurso público da Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia e consegui passar dentro da classificação das vagas. Foi uma conquista muito grande para mim, eu consegui um trabalho estável, num lugar que não é minha terra natal, onde as condições eram desfavoráveis, mas eu perserverei.

O curso de ensino médio técnico, foi necessário para o meu ingresso no Estado, na área administrativa, onde atuo há 15 anos como Assitente Técnico Educacional. Pouco tempo depois que tomei exercício, passei a fazer parte do setor de Pagamento. É um trabalho que exige muita responsabilidade, comprometimento, confiança, atenção, agilidade, pois lidamos com os pagamentos dos servidores da nossa jurisdição, temos um período estabelecido para incluirmos os dados no sistema. Gosto muito da minha rotina, não me vejo em outro setor da

Superintendência. Faço muitos cálculos, ainda bem que não desisti de aprender matemática. Mas, apesar de gostar do serviço, nós trabalhamos muito, e sob pressão. Somos muito cobrados, e temos pouco reconhecimento, principalmente financeiro. Eu acho que área da educação no Estado é desvalorizada, parece que não temos importância, existem muitas coisas que precisam ser melhoradas em vários aspectos.

2.1.4. O curso de Pedagogia EAD

Desde que cheguei em Uberlândia o meu sonho era fazer graduação na Universidade Federal de Uberlândia, fiz o vestibular várias vezes, para vários cursos, mas não consegui passar, não tinha condições de pagar cursinhos, e nem muito tempo para estudar. Acabei adiando esse sonho por muitos anos, precisava trabalhar e cuidar da família.

Em 2012 meu filho mais velho veio a falecer com apenas 20 anos de idade. Foi um golpe muito grande, após um ano do falecimento dele, perdi também minha mãe. Entrei em uma depressão muito grande, e meu psiquiatra sugeriu que eu voltasse a estudar para ocupar mais a minha mente, voltasse à vida, à realização dos meus sonhos.

Em 2013, passei no vestibular EAD administração Pública da UFU, e acabei perdendo o prazo de matrícula. Talvez tenha sido melhor assim, pois em setembro desse mesmo ano, fui diagnosticada com câncer de mama, e tive que passar por um tratamento muito agressivo e demorado, não teria como estudar passando por tudo que eu passei.

Em 2017, prestei o vestibular novamente, só que dessa vez não mais para Administração Pública, resolvi fazer Pedagogia, visando posteriormente um concurso para Inspeção Escolar. Passei em terceiro lugar, me surpreendi, pois havia muito tempo sem estudar.

A graduação é um desafio, principalmente, quando é modalidade a distância. No início me senti muito insegura e perdida. Todo começo é difícil, e o fato de não ter um professor presencial para tirar as dúvidas, me trouxe muita angústia.

O curso é bom, mas precisa ainda de muitas melhorias, atualizações e mais acompanhamento. Tivemos problemas com tutoras no início do curso, passamos por três tutoras, essas mudanças trouxeram alguns transtornos para nós. Seria bom se tivesse aulas quinzenais com os professores, isso ajudaria a resolver as dúvidas que surgem durante as atividades. Porque a tutora não tira dúvidas referentes às disciplinas, não temos acesso

imediatamente aos professores quando precisamos. E algumas disciplinas, os materiais estão muito ultrapassados, vídeos antigos, guias desatualizados. Alguns professores gravam vídeo-aula lendo o que está escrito no guia, não faz uma síntese, uma explicação do conteúdo. Algumas disciplinas também têm grande quantidade de atividades, além de serem extensas, valendo poucos pontos, disciplinas extremamente chatas e confusas. Algumas provas deixaram a desejar, metodologia de avaliação das provas e atividades totalmente diferente do que é ensinado na maioria das disciplinas.

Já estamos na reta final do curso, e quanta coisa foi estudada. Fazendo uma rápida retrospectiva de tudo que aprendi ao longo dos meus estudos, me identifiquei mais com algumas disciplinas do que outras. Embora, eu saiba que todas foram necessárias e agregou muito conhecimento a minha vida acadêmica, existem aquelas que temos mais afinidades e absorvemos melhor o conteúdo. Nesse sentido, as que mais gostei foram:

Psicologia da Educação, História da Educação, Didática, Educação Infantil, Tópicos em Psicopedagogia, Expressão Lúdica, Filosofia da Educação, EJA e Educação Especial.

As minhas opções para o TCC seriam Educação Inclusiva ou História, mas achei muito interessante História da Infância desde quando estudamos durante o curso. Por isso, escolhi, visando um maior aprofundamento do tema.

Estudar à distância é muito desafiador, mas apesar das dificuldades encontradas, resolvi lutar, pois essa graduação é a realização de um sonho. Entre nove irmãos, sou a primeira, e talvez a única da família que terá nível superior. Infelizmente isso é uma realidade no nosso país, precisamos lutar pela educação, pelas crianças que não têm oportunidades, que não têm incentivo familiar e do sistema de ensino.

A minha história, pode parecer comum a tantas crianças que moram no Nordeste do país, a diferença foi a capacidade de lutar pelos meus direitos, pelos meus sonhos e projetos, que mesmo sendo adiados e ficando adormecidos por muitos anos, não morreram dentro de mim. A minha história poderia ter terminado desde o início da minha escolarização quando não recebi apoio e não tive muito incentivo. Poderia ter terminado quando perdi as pessoas que eu amava, mas também por elas, e pelas pessoas que estão ao meu lado, decidi prosseguir.

Portanto, posso concluir que a graduação representa para mim, não apenas a conclusão de um curso, mas a realização de um sonho, além de provar para mim mesma, que todos têm capacidade de romper as barreiras, e mudar as adversidades que são impostas nas classes menos favorecidas desde a infância.

3 HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO⁴

Considerações sobre cartilha Caminho Suave e a história das cartilhas no Brasil

3.1. A história das cartilhas no Brasil

A história das cartilhas no ensino brasileiro se confunde com a própria história da alfabetização, passando por várias etapas e momentos, absorvendo as principais transformações e teorias desenvolvidas pelos teóricos da educação ao longo dos tempos. Mortatti (2006) faz uma divisão de quatro principais momentos da alfabetização brasileira e também das cartilhas, remontando primeiramente ao período colonial brasileiro até as práticas atuais, os quais iremos utilizar na nossa análise. As cartilhas foram muito difundidas durante todo o período colonial até os anos 1980, pois apresentavam um método específico para ensinar determinadas matérias, estabelecidos previamente segundo um programa a ser seguido (MORTATTI, 2000). Elas consistiam numa espécie de livro didático, no entanto mais rígidas e metódicas, dando o passo a passo ser seguido principalmente na alfabetização. Ainda encontramos muito dos elementos das antigas cartilhas nos livros didáticos atuais e em certas didáticas de professores mais antigos, que na sua formação, seja no magistério, seja no curso de pedagogia, tiveram contato (MORTATTI, 2006).

Mortatti (2006) explica que nesse primeiro momento o ensino brasileiro carecia de uma organização sistemática tanto do ponto de vista de uma estrutura física e adequada para o trabalho do professor, quanto do ponto de vista metodológico. As salas de aula que existiam eram cômodos de prédios adaptadas, mas que não foram pensados para esse fim, e abrigavam crianças das mais variadas séries e idades num mesmo espaço. Além da precária estrutura física, o ensino também não dispunha de um material didático impresso para auxiliar o professor nas aulas. Nessa época a aprendizagem se iniciava com a leitura das cartas de ABC, passando posteriormente para a leitura e escrita de documentos manuscritos (MORTATTI, 2006). As cartas do ABC é uma ferramenta didática que remonta a antiguidade, onde não se dispunha de recursos para impressão e os próprios professores fabricavam os seus materiais, conforme a figura 9 (VIEIRA, 2017).

⁴ Texto construído em dupla, com a parceria da aluna Gisely Dantas da Silva.

As primeiras cartilhas e manuais de alfabetização brasileiros foram surgir apenas a partir de do final do século XIX, produzidas por professores do Rio de Janeiro e São Paulo, e baseavam-se no método de marcha sintética (que começa com o ensino e exploração das partes para se chegar até o todo), o qual já era conhecido e utilizado pela maioria dos professores na sala de aula (MORTATTI, 2006).

Mortatti (2006) destaca que a partir de 1876 foi publicado em Portugal a *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita pelo poeta português João de Deus. E assim, a partir de 1880 essa cartilha passou a ser amplamente utilizada principalmente em São Paulo e no Espírito Santo.

Outro ponto que vale ressaltar nesse primeiro momento da alfabetização e da educação no Brasil foi o momento em que os padres missionários Jesuitas dominaram o ensino e a organização das escolas no Brasil. Nesse momento, que remete ao período colonial brasileiro, situado entre os século XVIII e fim do século XIX, os Jesuítas tinham como objetivo converter e catequisar os nativos, ensinando-lhes o português e a cultura europeia. No entanto, com o passar do tempo as escolas Jesuitas foram também recebendo os filhos dos fazendeiros e senhores de engenho, bem como alguns órfãos portugueses que vieram para o Brasil. Os jesuítas utilizavam do método da cartilha do ABC para a alfabetização, bem como aliavam as musicas infantis trazidas pelos órfãos portugueses e que geravam encanto dos pequenos indígenas para promover a a cultura e a conversão do nativos (BORTOLOTTI, 2003)

O segundo momento dos métodos de alfabetização tem início a partir de 1890 com o que ela chama de a “institucionalização do método analítico”, a partir da reforma da instrução pública do estado de São Paulo, a qual pretendia ser modelo para os demais estados brasileiros, se utilizando desse novo método analítico, o qual diferentemente da marcha sintética, partiria do todo para as partes. Houve no início uma certa rejeição dessa metodologia pelos professores, os quais acreditavam que ele era muito lento em comparação as outras práticas, mas a sua obrigatoriedade, principalmente no sistema de ensino paulista, perdurou até a lei de 1920 que institui a Reforma Sampaio Dória, a qual determinou a “autonomia didática” das escolas (MORTATTI, 2006).

Desse modo as cartilhas produzidas nesse segundo momento tomaram o método analítico como base. Um dos exemplos desse método e que foi bastante difundido na época é o de Antônio Feliciano Castilho, autor português que pretendia romper com a antiga escola e suas punições e castigos e instituir uma nova prática de ensino baseada na ludicidade, acreditando que a escola deveria ser um espaço de alegria para as crianças (VIEIRA, 2017). O

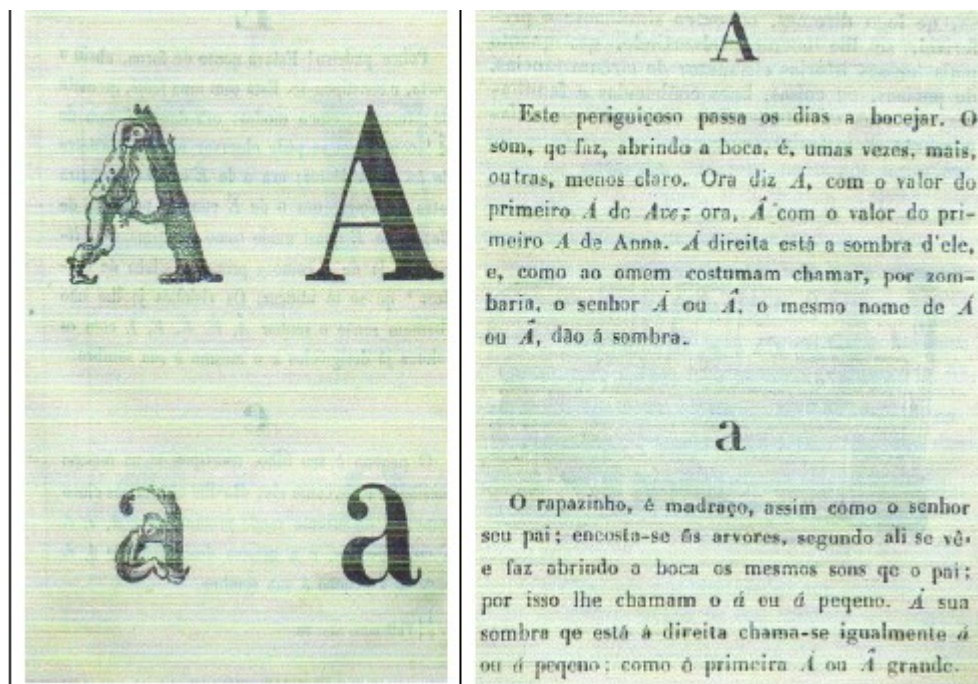
método Castilho se baseava na exploração imagética das vogais, consoantes e sílabas, apresentado juntamente ao desenho das letras uma história, bem como uma imagem lúdica que remetia ao som letra, como na figura 10, onde vemos um rapaz encostado na árvore bocejando (VIEIRA, 2017).

Figura 09 – exemplo de cartilha ABC



Fonte: ZENEIDE, 2017, p. 72.

Figura 10– Exemplo do método Castilho



Fonte: ZENEIDE, 2017, p. 90

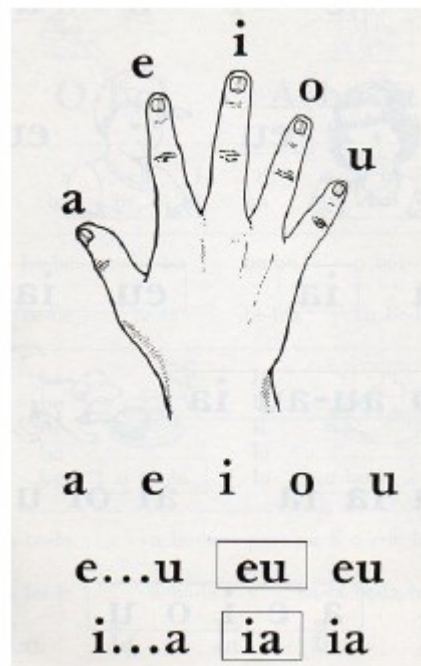
Já o terceiro momento é marcado justamente pela Reforma Sampaio Dória e pela resistência dos professores na utilização do método analítico, de forma que surgiu um movimento que buscou novos métodos e propostas para a solução dos problemas do ensino e da alfabetização (MORTATTI, 2006). Os defensores do método analítico começaram a incorporar na sua abordagem outras práticas, não se restringindo apenas ao modelo analítico, surgindo assim praticas mistas ou ecléticas, diminuindo os conflitos e embates entre os defensores dos métodos analíticos e sintéticos, focando-se principalmente na relativização metodológica, que teve início principalmente com a publicação do livro *“Testes ABC para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita”*, de 1934, do professor M. B. Lourenço Filho. Mortatti explica que:

Nesse livro, o autor apresenta resultados de pesquisas com alunos de 1o grau (atual 1ª série do ensino fundamental), que realizou com o objetivo de buscar soluções para as dificuldades de nossas crianças no aprendizado da leitura e escrita. Propõe, então, as oito provas que compõem os testes ABC, como forma de medir o nível de maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, a fim de classificar os alfabetizandos, visando à organização de classes homogêneas e à racionalização e eficácia da alfabetização. (MORTATTI, 2006, p. 9)

Assim, as cartilhas desse período além de incorporarem a psicologia de Lourenço filho, passaram a adotar os métodos mistos e ecléticos na sua elaboração, bem como a produção de manuais dos professores que as acompanhavam (MORTATTI, 2006), constituindo o que Mortatti chama de Eclétismo processual e conceitual, no qual há uma noção de “medida” que norteia a alfabetização, pensando na maturidade do aluno inserido em classes homogêneas (MORTATTI, 2006).

Em tese as cartilhas baseadas no método de Lourenço Filho possibilitariam uma melhor organização do trabalho do professor, bem como um instrumento mais eficaz para avaliação dos inspetores sobre a atuação do professor e seu sucesso na alfabetização dos alunos (VIEIRA, 2017). Um dos exemplos dessas cartilhas foi a que o próprio Lourenço Filho produziu, denominada de Cartilha do Povo (VIEIRA, 2017), onde o intelectual afirmava que “desde que saiba ler, qualquer um pode ensinar essa cartilha” (VIEIRA, 2017, p. 134).

Figura 11– página da Cartilha do povo



Fonte: ZENEIDE, 2017, p. 135.

Já o quarto e último momento destacado por Mortatti é marcado pelo construtivismo e pela desmetodização da alfabetização. A passagem para esse momento acontece em meados dos anos 1980 (MORTATTI, 2006). Buscando alternativas para superar o fracasso da alfabetização nas escolas, os pesquisadores brasileiros, guiados principalmente pelo pensamento de Emília Ferreiro e seus companheiros, começaram a introduzir o construtivismo no Brasil (MORTATTI, 2006), deslocando o processo de alfabetização da abordagem utilizada para a criança, questionando a validade dos métodos utilizados, promovendo assim a desmetodização da alfabetização e questionando a utilização das cartilhas. O construtivismo se caracterizou mais por uma revolução conceitual do que por uma nova metodologia, ou seja, colocou em cheque as concepções de criança vigente para poder repensar a prática segundo uma nova compreensão (MORTATTI, 2006). Assim, com as críticas sobre os métodos tradicionais e as suas ferramentas, conseqüentemente houve uma reestruturação das cartilhas, surgindo agora manuais construtivistas.

Pensando no momento mais recente da história das cartilhas, passamos agora para a análise e compreensão do processo de produção e difusão da cartilha Caminhos Suaves, observando como ela se destacou no cenário nacional da alfabetização se tornando um sucesso de vendas.

3.2. A cartilha Caminho Suave

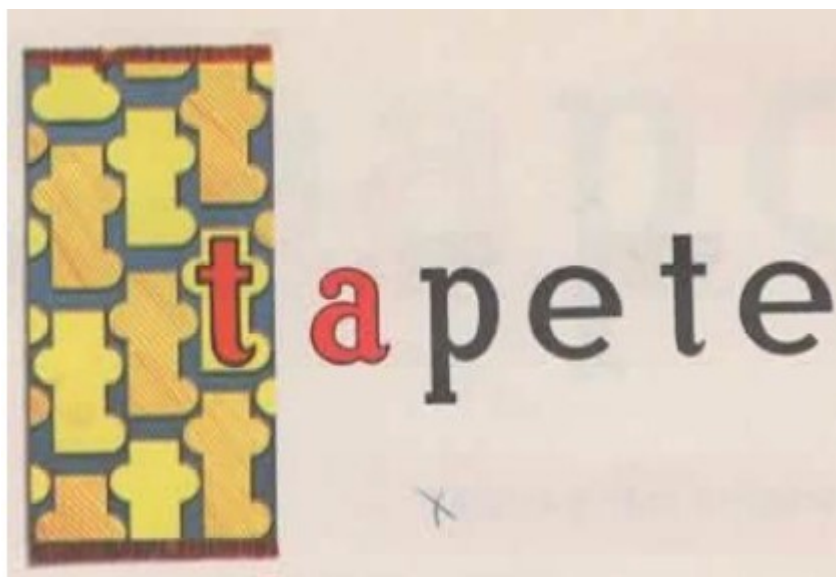
Em 1948 a professora da rede pública Branca Alves de Lima publicou pela primeira vez a cartilha Caminho Suave, o qual foi editado pela sua própria editora, a Caminho Suave Limitada, e custeada com recursos própria autora e com ajuda do seu pai (VIEIRA, 2017). No entanto, foi nos anos seguintes que a cartilha alcançou seu auge, especificamente nos anos 1970 e 1980, decorrente principalmente das mudanças ocasionados pelo golpe militar de 1964, onde houve uma mudança nos paradigmas educacionais, ampliando-se o mercado editorial no país, bem como a distribuição de livros didáticos (VIEIRA, 2017). Segundo o jornal Folha de São Paulo (1997) a cartilha vendeu aproximadamente 40 milhões de exemplares até o ano de 1990, sendo considerado um dos maiores sucessos de livros didáticos de alfabetização no Brasil.

Segundo Vieira (2017), apesar das censuras impostas pela ditadura militar, foi um momento de expansão das editoras, impulsionadas principalmente pelos livros didáticos,

distribuídos aos alunos das escolas públicas brasileiras. Vieira (2017) explica que em 1971 a cartilha Caminho Suave chegou a vender dois milhões de exemplares.

Branca Alves desenvolveu sua cartilha baseada no que ela denominou de “alfabetização pela imagem”, no qual fazia associações entre as letras e palavras com imagens (Vieira, 2007). Branca se considerava adepta das metodologias mistas ou ecléticas, aquelas que misturavam elementos das linhas analíticas e sincréticas de ensino. Essas associações entre as letras e imagens por Branca Alves buscava estimular a memória e atenção das crianças, remetendo a forma da letra e o seu som a uma determinada imagem que começasse com tal letra. No entanto esse método de ensino não era inteiramente novo, e remetia as propostas já utilizadas por outros educadores em suas cartilhas, como a de Feliciano Castilho, mostrada na figura 2. Boto e Guirao (2020) explicam que apesar de Branca Alves não ter sido a criadora do método eclético, seu método de aplicação foi inovador, utilizando-se das palavras-chaves, imagens, sílabas e frases para alfabetizar os alunos.

Figura 12 – associação letra imagem na cartilha Caminho Suave.

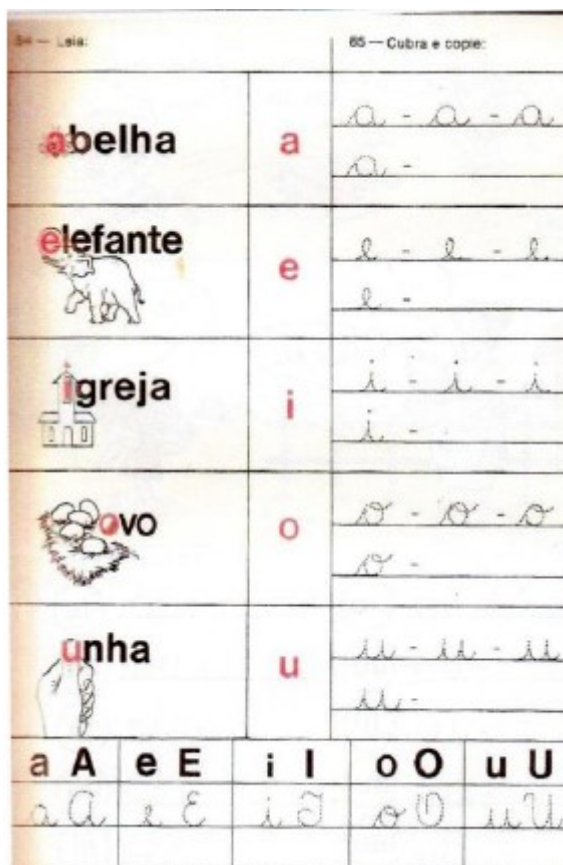


Fonte: ZENEIDE, 2017, p. 147

Além destes elementos, muitos outros semelhantes também estão presentes na cartilha Caminho Suave, atualizando e reutilizando as práticas antigas com novas impressões e recursos gráficos. Outro desses elementos são os pontilhados, no qual as crianças devem escrever em cima de pontos que formam as sílabas, percorrendo todo o traçado para exercitar

a sua coordenação motora fina, algo defendido e praticado pelos exercícios da cartilha do ABC e pela sua psicologia maturacionista, onde cada criança precisaria desenvolver determinadas habilidades antes de aprender a ler e a escrever (ZENEIDE, 2017). Assim, a escrita não passaria de um exercício de repetição no qual deve-se seguir os passos, aprendendo a desenhar corretamente as letras (ZENEIDE, 2017). A figura 5 exemplifica este processo, demonstrando como há uma ênfase nas vogais primeiramente apresentadas, destacas com a cor vermelho, e posteriormente a prática da escrita cobrindo os pontos e em seguida uma tentativa própria de copiar a letra conforme o exercício de traçado.

Figura 13– exercícios de traçado na cartilha Caminho Suave



Fonte: ZENEIDE, 2017, p. 149

Aprovada para ser usada nas escolas paulistas, a cartilha se manteve na relação dos livros autorizados para o uso no estado de São Paulo entre o final da década de 1940 até a

década de 1970. Posteriormente foi incluída em dois programas federais de subsídios aos livros didáticos: primeiro, no Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), nas suas três fases, sob coordenação do Instituto Nacional do Livro (INL), entre os anos de 1971 e 1976; da Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), no período de 1976 a 1983; e, em seguida, da Fundação de Assistência ao Educando (FAE), durante os anos de 1983 e 1985; em segundo, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985 e ainda em funcionamento. A cartilha Caminho Suave foi reprovada nesse último Programa em 1997, quando deixou de ser comprada pelo governo federal para distribuição nas escolas (PERES; VAHL; THIES, 2016 *apud* PERES; RAMIL, 2018, p.104).

Um dos pontos que garantiram o sucesso da cartilha Caminho Suave foi justamente a síntese que ela estabeleceu com as diversas formas pedagógicas, reunindo na sua proposta metodológica um conjunto de práticas históricas sobre a alfabetização, a qual seguem um sistema predeterminado de passos a serem seguidos para ensinar e a aprender a ler e a escrever (ZENEIDE, 2017).

O destaque da Caminho Suave, e conseqüentemente de todas as cartilhas em âmbito nacional, só começou a desaparecer quando, por volta de 1995, houve um movimento nacional que buscou reorganizar e redefinir as bases da alfabetização no Brasil, fundamentando-se principalmente nas teorias construcionistas, buscando deslocar o cerne da alfabetização do professor para o aluno, entendendo que não é o professor que ensina, mas auxilia seu aluno na aprendizagem (BOTO; GUIRAO, 2020). Isso se deve pelo alto grau de analfabetismo que se apresentava nos anos 1980, onde grande parte da população economicamente ativa não sabia ler e escrever adequadamente, tendo um índice elevado de evasão escolar (ZENEIDE, 2017).

Os pesquisadores buscaram então compreender o fracasso da escola nesses níveis, entendendo que o problema das dificuldades de aprendizagem e da conseqüente evasão dos alunos estava na metodologia de ensino vigente, buscando dessa forma novas formas de ensino que contemplassem as angústias dos alunos e tornassem o ensino significativo (ZENEIDE, 2017). Consoante com os ideais emergentes na década de 1980, a escola passa a voltar a sua atenção para uma educação crítica, capaz de libertar o oprimido de sua condição dando-lhe ferramentas intelectuais para pensar por si mesmo e construir suas próprias perspectivas (ZENEIDE, 2017).

Segundo Bossi (2000), com a implantação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/98) muitas cartilhas não se adequaram às exigências do MEC, gerando polêmicas por

parte dos defensores das cartilhas e dos métodos tradicionais de ensino, afirmando que o MEC estava forçando os professores a adotarem métodos construtivistas (BOSSI, 2000). A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) afirma que a alfabetização é um processo complexo, diferente daquilo que as cartilhas e livros de alfabetização mostram (BRASIL, 2018). Não é algo padronizado e regular, mas necessita de uma ampla abordagem fonética e fonológica para que o aluno tome consciência da aquisição da língua escrita prestando atenção nas nuances e contrastes entre os sons e as letras (BRASIL, 2018).

Apesar do conflito entre as novas propostas construtivistas do governo federal e os defensores das cartilhas, segundo alguns pesquisadores (BOSSI, 2020) os efeitos foram muito positivos para o setor dos livros didáticos, aumentando o cuidado e a elaboração dos exercícios e a formatação dos materiais disponíveis para as escolas (BOSSI, 2000).

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de Monografia I, referente a estruturação do TCC e o memorial, nos proporcionou uma experiência importante, onde por meio dela foi possível compreender a dinâmica, as dificuldades e a organização necessária para darmos continuidade ao trabalho como professor, tomando conhecimento das práxis históricas e teóricas.

O memorial nos fez refletir sobre a trajetória de vida particular e escolar, as contribuições e os desencantos que tivemos no processo de ensino aprendizagem. Nesse contexto, possibilitou a reflexão referente as diferentes concepções metodológicas das práticas alfabetizadoras e a construção de tais práticas pelos professores na sala de aula.

Dessa forma, compreende-se que as práticas pedagógicas incluem desde o planejamento e a sistematização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada no meio de processos que ocorrem para além da aprendizagem, visando garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para cada estágio de formação do aluno, e por meio desse processo, criar nos alunos mecanismos de mobilização de seus saberes anteriores construídos em outros espaços educativos.

É importante termos o conhecimento histórico dos métodos educacionais, em especial das práticas alfabetizadoras, da compreensão de criança, das transformações ocorridas com os anos e das revoluções pedagógicas a fim de não cairmos em práticas antiquadas, em pensamentos retrógrados e reducionistas (MORTATTI, 2006). Assim, observando o

desenvolvimento dos manuais e cartilhas alfabetizadoras podemos perceber como a educação se humanizou, passando a considerar a criança centro e essência da aprendizagem, moldando as metodologias conforme a necessidades subjetivas, investindo numa didática construtivista e, sobretudo, solidária, abandonando os preceito rudimentares de disciplina e ordem, para tornar a escola e a sala de aula um lugar de troca de experiências e vivências significativas, tanto para os alunos, quanto para os professores.

A cartilha Caminho Suave teve uma grande importância no cenário Educacional Brasileiro na metade do Século XX pois permitiu maior acessibilidade ao material, uma instrução prática e paulatina dos passos a serem seguidos na aprendizagem da leitura e da escrita, recursos gráficos de facilitavam a compreensão e auxiliavam no entendimento do aluno. No entanto, a cartilha por si só não ensinava, e não resolvia os problemas dos alunos que não conseguiam aprender por ela. Eram necessários o acompanhamento e a percepção de um professor que entendesse das dificuldades do aluno, compreendendo que cada um aprende no seu tempo, de uma forma, construindo saberes diferentes e de formas diferentes, de modo que a cartilha não engloba toda uma didática plural, mas serve como ferramenta auxiliar, no podendo se reduzir todas as experiências pedagógicas a ela.

Assim, apesar das cartilhas terem contribuído para o ensino e para o trabalho do professor em aula, era preciso avançar e deixar de lados velhas concepções para trás, adotando uma concepção de criança e educação que promovesse o senso crítico e a emancipação dos seus alunos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARRETO, Ângela M. R. Ângela M. R. A educação infantil no contexto das políticas públicas. **Revista Brasileira de Educação** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Rio de Janeiro, Campinas, SP: Autores Associados, n. 24, p. 53-65, set./out./nov./dez. 2003.

BITTAR, M; SILVA, J.; MOTA, M. A .C. Formulação e implementação da política de educação infantil no Brasil. In: **Educação infantil, política, formação e prática docente**. Campo Grande, MS: UCDB, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>, acesso em 01/09/2021.

BOSSI, Ana Maria da Silveira. **A (in)evitável didatização do livro infantil através do livro didático**. 2000. 298 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, Ufmg, Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85ZJ6F/1/1000000326.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

BORTOLOTTI, Karen Fernanda da Silva. O Ratio Studiorum e a missão no Brasil. In: **Revista História Hoje**, São Paulo, nº 2, 2003. ISSN 1806.3993

BOTO, Carlota; GUIRAO, Nathalia Campelo Ferraz. A CARTILHA MATERNAL, A CARTILHA DO POVO E A CAMINHO SUAVE: três perspectivas sobre a alfabetização. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S.L.], n. 12, p. 192-211, 27 jul. 2020. *Revista Brasileira de Alfabetizacao*. <http://dx.doi.org/10.47249/rba.2020.v.399>. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba.2020.v.399>. Acesso em: 24 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 24 out. 2021.

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA!:: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 185-195, jan. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596>. Acesso em: 24 out. 2021.

JEQUIÉ. PREFEITURA DE JEQUIÉ. . **A Cidade**. Disponível em: <http://www.jequie.ba.gov.br/a-cidade/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

JEQUIÉ ANTIGA - FOTOS QUE REGISTRAM UM POUCO DA HISTÓRIA ANTIGA (2) DE JEQUIÉ-BA. 2011. Disponível em: <http://romildocosta.blogspot.com/2011/08/jequie-antiga-fotos-que-registram-um.html>. Acesso em: 19 ago. 2021.

JEQUIÉ. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/2916-jequie-mpf>. Acesso em: 01 out. 2021.

MÃO à palmatória. Disponível em: <https://profmigueljunior.wordpress.com/tag/palmatoria/>. Acesso em: 06 dez. 2021.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate. SEB/MEC. Brasília, 2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf Acesso: 01/09/2021.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Cadernos Cedes**, [S.L.], v. 20, n. 52, p. 41-54, nov. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622000000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Bt7RrtZ4TktqvRz9ZdbnMnj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.

MORTATTI, M. do R.L. Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994 São Paulo: Ed. da Unesp, 2000. _____. "Alfabetização e modernidade no Brasil". Leitura: **Teoria & Prática (ALB)**, dez. 1998, no 32, pp. 54-58.

Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/3709/3446>, acesso em 01/09/2021.

PERES, Eliane; RAMIL, Azevedo Chris de. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de apoio - **Cadernos de Pesquisa em Educação** - PPG/UFES 79 Vitória, ES. a. 12, v. 19, n. 41, p. 53-79, jan./jun. 2015 –

Disponível em: [file:///C:/Users/Irani/Downloads/vania_araujo,+07+-+PPGE-UFES+-+CPE+-+N+41+-+ARTIGO+3%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Irani/Downloads/vania_araujo,+07+-+PPGE-UFES+-+CPE+-+N+41+-+ARTIGO+3%20(1).pdf), acesso em 01/09/2021.

SILVA, Heibe Santana da; SOARES, Luiza Carla da Silva. O PAPEL DO ESTADO PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ, NO SUDOESTE DA BAHIA. In: SEMINÁRIO CULTURA E POLÍTICA NA PRIMEIRA REPÚBLICA: CAMPANHA CIVILISTA NA BAHIA, 1., 2010, Santa Cruz. **Artigo**. Santa Cruz: Uesc, 2010. p. 1-10.

Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/culturaepolitica/anais/heibe.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, [S.L.], v. 33, n. 2, p. 149-158, 20 dez. 2015. Casa de Nossa Senhora da Paz A.S.F.

<http://dx.doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>.

Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>. Acesso em: 24 out. 2021.

VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de alfabetização no Brasil**: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita. 2017. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Uesb, Vitória da Conquista, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Bt7RrtZ4TktqvRz9ZdbnMnj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 out. 2021.